

# “A Cooperação Militar entre a França e o Brasil”

Jonas de Moraes Correia Neto\*

## 1. Evocação

Nos últimos arrancos da 2ª Guerra Mundial, um fato muito significativo para nós, que estamos neste encontro cordial e cultural, ocorria lá nos Alpes Graios.

Na cidadezinha de Susa, num outro tipo de encontro, também cordial, uma patrulha reforçada do 1º Btl do 11º Reg de Inf, da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária, do Brasil, fazia ligação com a 27ª Divisão de Infantaria Alpina, da França. (N. 01)

Era 02 de maio de 1945. Brasileiros e franceses apertavam as mãos, vencedores na guerra (que findaria naquela tarde, no Teatro de Operações italiano, com a rendição incondicional das forças do Eixo).

Um quarto de século antes, fora o começo, no Brasil, de um próspero período de aperfeiçoamento do Exército Brasileiro, sob a direta, ampla e competente orientação de militares franceses.

## 2. Preliminares

Quando terminou a Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai

(nov 1864 – março 1870), foram sendo progressivamente desmobilizadas as forças brasileiras (então Exército e Marinha) – (N. 02)

Elas haviam retornado do Paraguai engalanadas com as honras de muitas e importantes vitórias e de muitos sofrimentos. Também traziam, na bagagem acumulada, uma larga experiência, juntada através de práticas constantes, de vários reveses, de muitos sucessos instrutivos.

Como em todo pós-guerra. Entretanto, por motivos políticos e ideológicos, os ex-combatentes não usufruíram da gratidão que o país lhes devia, da atenção que era necessária e justa.

Ao contrário. Apesar do prestígio pessoal gozado pelos comandantes militares, as Forças não recebiam do poder público os recursos de que precisavam, para sua manutenção condigna, sua instrução e seu adestramento, ou seja, para a habilitação ao cumprimento da missão constitucional de defender o país externa-

\* O autor é General de Exército, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Sócio Benemérito e membro do Conselho Consultivo do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.



mente (segurança externa), e cooperar para a garantia da aplicação da lei e da manutenção da ordem (segurança interna).

Particularmente o Exército, decorridos alguns anos da cessação do conflito, achava-se em péssimas condições (N. 03)

Efetivos aquém do mínimo, carência de equipamento, armamento e munição, de cavalaria e viaturas de transporte hipomóvel, de fardamento, de quartéis apropriados. Afundado no marasmo que a vida de guarnição favorecia. Os pingues créditos recebidos esgotavam-se numa conservação que remendava incompletamente o que existia e não assegurava boa utilização.

Cessada a euforia inicial da vitória, os militares foram perdendo importância social, sentindo-se discriminados e até mal vistos. Assim tratados, sem horizontes, aos poucos seu desânimo refletiu-se no relaxamento nos deveres da profissão.

Os quadros da oficialidade, esteio de qualquer força armada, começaram a perder élan, ao mesmo passo que se descuidavam da cultura militar, apanágio maior desses quadros.

Tudo isso, que está aqui pintado com cores incisivas, não aconteceu de repente. Na verdade, quase trinta anos de declínio foram

decorrendo, até que o Exército tivesse de se defrontar, sucessivamente, com alguns compromissos legais, que puseram à prova sua capacidade de ação e de recuperação moral e, como corolário, que chamaram a atenção para a problemática militar terrestre.

Nas campanhas da Revolução Federalista, no sul (1893-1895); de Canudos, na Bahia (1896-97); e do Contestado, no sul, (1912-15), por exemplo transpareceram as deficiências. No entanto e felizmente, foram elas superadas, nessas cruentas lutas entre irmãos, por extraordinária disposição para o combate e notável espírito de sacrifício (que registramos serem típicos do Soldado Brasileiro, quando preciso).

Apesar de tudo, tal foi o Exército que apoiou a queda do Império, a proclamação e a consolidação da República.

Nos primeiros anos do século XX, ares de mudança, desejada e possível, principiaram a agitar, cada vez mais fortes, o ambiente militar do país.

Provinham de onde se haveria mesmo de esperar: de oficiais do Exército, conscientes de sua responsabilidade. Diversos chefes militares, dos mais animados e esclarecidos, agiram firmemen-

te em suas áreas, aproveitando-se do aborrecimento geral, mas igualmente do entusiasmo de uma porção de oficiais, que queriam apagar aquele espectro de despreparo e descrédito (N. 04).

Jovens tenentes e capitães, inconformados, progressistas, corajosos, esforçavam-se pela melhoria qualitativa da Força. Particularmente, em torno da revista “A Defesa Nacional”, gravitava um elenco de renovadores, que dela faziam poderosa alavanca escrita (N. 05).

Figuras de renome da imprensa e da política acabaram apercebendo-se da situação e se engajando, decididamente, na campanha pela recuperação profissional do Exército (N. 06).

Afinal, o coro ia aumentando e convencendo. Chegou-se à convicção de que deveria o Brasil buscar, lá fora, quem pudesse melhor nos ajudar a romper os entraves da acomodação e a avançar nos conhecimentos e na capacitação.

### **3. A Missão Militar Francesa**

Não fora fácil superarem-se as querelas e firulas no tocante à vinda de uma missão militar estrangeira, para nos assessorar e ensinar, tirando-nos do atraso.

Questões essenciais umas, irrelevantes outras, foram todas levantadas, utilizadas e remexidas

pelos interesses e opiniões que se debatiam, em uma porção de foros. Em posição central nos debates, o Exército, carente da lufada de modernização pretendida e cômico da sua urgência.

Afinal, entre a Alemanha (vencedora da distante guerra de 1870) e a França, vencedora da Grande Guerra e culturalmente muito mais aproximada do Brasil, optou-se por trazer os franceses.

Afirma um historiador francês atual (nosso amigo Jean Pierre Blay) que “a Missão era necessária ao Brasil, e era essencial para a frágil liderança da França”. Sim, para a França pós-Versalhes, era coisa muito séria, cuja importância estratégica e diplomática se observa na composição inicial da MMF. O Gen Gamelin – seu instalador – era uma das personalidades símbolos da vitória de 1918; seus comandados, um grupo de elite.

A Missão Militar Francesa, que aqui funcionou, conosco e para nós, entre 1920 e 1940, é hoje quase desconhecida. Porém, em certo período axial de nossa História Militar, teve presença e ação destacadas. Todavia, falar da cooperação militar França – Brasil, é falar sobre a MMF.

A Missão era constituída por militares do Exército Francês, na



maioria oficiais superiores, meticulosamente escolhidos pela sua alta chefia para realizar trabalho exigente e importantíssimo no nosso país, sobre o qual pouco sabiam.

Veio a MMF, para cá, no cumprimento de contrato, que possibilitou o intercâmbio cultural – militar Brasil – França, com muito sucesso, durante vinte anos (N. 06).

Foram anos atarefados, afanosos. Houve constante progresso na busca dos fins colimados, com resultados gradualmente mais recompensadores, tanto para os militares franceses, que foram se ambientando e se revezando na Missão, quanto para a instituição Exército Brasileiro.

Via-se, na programação que regulava os primeiros relacionamentos, que os profissionais que compunham a Missão viriam para a revolucionar o estilo, os conhecimentos, a capacidade de ação do nosso Exército. Em linguagem chã, viriam para desestagná-lo. As mudanças introduzidas nele seriam impulsionadoras de notável evolução. Começariam pelas medidas documentais e organizacionais, desde logo estabelecidas e aos poucos postas em execução; e alcançariam, em curto prazo, um efeito primordial ao êxito: a alteração positiva da mentalidade militar brasileira.

O fator preponderante para os bons resultados achar-se-ia nos próprios locais de aplicação dos esforços: a Escola de Estado-Maior e a nova Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. Fazendo que a MMF atuasse logo nas escolas mais importantes para o aprimoramento cadenciado do oficialato, do capitão ao coronel, a Força Terrestre confirmava sua intenção reformadora, que também era soerguidora.

Quanto à Escola Militar, o berço da preparação para o oficialato, uma inexplicável decisão fez que, no começo, ficasse fora da ação direta da Missão. Em 1924, corrigiu-se a anomalia; e ao Realengo também acorreram os mestres franceses, dando aos moços alunos um suporte profissional rico em ensinamentos, dos melhores da época, no mundo. (N. 08).

Outras Escolas foram abarcadas, ou criadas, como as – de Aviação Militar (que já vinha funcionando, em moldes próprios, havia algum tempo, com instrutores também franceses), de Intendência, de Administração Militar, de Veterinária. E a Escola de Cavalaria, com o curso “C” – Equitação – baseado na Saumur. Destacava-se paulatinamente, o trabalho da MMF, que transcorreria sempre com muita garra e enorme sucesso.

A partir das Escolas, os conhecimentos, após absorvidos e adequados à realidade brasileira, iam sendo apresentados – pelos assessores da Missão e pelos brasileiros por ela instruídos – aos altos órgãos militares (notadamente o Estado-Maior do Exército), aos Grandes Comandos de Áreas e operacionais e às demais organizações militares, de tropa e de serviços. E a aprendizagem progredia e rendia.

Sob a orientação, a condução, a supervisão (até a direção, em alguns casos) dos oficiais franceses, verificou-se revigorante guinada nas condições de funcionamento do Exército, seja nas atividades-fim, seja nas atividades-meio. Como seria de se esperar. O ensino militar e a administração militar, em todos os níveis, rapidamente deram saltos de qualidade. Foram criados alguns órgãos específicos, para o atendimento das novas recomendações do rol de mudanças; outros órgãos, já existentes, foram reformados ou extintos.

A instrução da tropa sofreu uma reviravolta, transformando-se, pouco a pouco, de monótona, nada prática, em dinâmica, objetiva; foi da inércia à movimentação, embora ainda não logo à sonhada eficiência, que dependia de outras condicionantes.

‘Nos exercícios de campanha, procurou-se sair dos terrenos próximos aos quartéis, para outros melhores, capazes de proporcionar os espaços e aspectos topográficos requeridos. Alguns campos de instrução, disponíveis (Saicã, Gericinó, e poucos mais), começaram a ser utilizados com percepção do seu valor para a instrução e, sobretudo, para o adiestramento. Tudo em proveito do poder combativo do Exército.

O que se fazia ainda não bastava, mas iam-se criando hábitos, os quais iriam permanecer. Convencionais exercícios, evidentemente ultrapassados e inócuos, foram cedendo lugar a manobras mais objetivas, com ênfase na ação de comando, no fogo e no movimento, na segurança, no emprego útil do material bélico, no funcionamento azeitado e oportuno dos apoios e serviços.

O empirismo, a cópia servil de planos e ordem, foram naturalmente abolidos. Privilegiou-se o “estudo de situação”, cujo mérito era ressaltado e que se tornou relevante nos estudos militares, como ponto essencial da técnica de comandar.

É evidente que tudo não aconteceu depressa, nem certinho, nem em toda parte. Os trabalhos foram sendo realizados aos pou-



cos, com persistência e insistência; com devotamento. Seus produtos foram aparecendo, ora mais ostensivos, ora mais modestos. Muitíssimo foi feito. O principal foi mesmo a sacudidela no nosso espírito militar, afrouxado por anos e anos de desatenção com as coisas castrenses. Agora, o compromisso recíproco com a MMF nos impunha que houvesse energia para a superação dos óbices, para a correção de erros.

Havia questões que levavam a discussões homéricas e a posições contraditórias. A mais gritante, por óbvio, era a Doutrina. Custou, até ficar claro que não nos seria imposta uma doutrina militar francesa, mas que iríamos, isto sim, aproveitá-la para reajustar a nossa, incipiente. Os franceses mesmos tomariam a iniciativa de discutir conosco as colocações que pareciam melhores, em face das condições brasileiras – políticas, geográficas, geopolíticas, sociológicas, econômicas, históricas... Bem assim, nossos costumes e tradições.

Foi a missão que nos despertou para a relevância de pensarmos competentemente na guerra, de estabelecermos uma concepção plausível da nossa guerra. Guerra essa que – podemos concluir – não seria uma rígida defensiva à outrance, não seria uma atitude passiva; ao

invés, seria uma postura dinâmica, desgastante do inimigo, preparatória de uma contra-ofensiva pronta, bem montada e desencadeada, decisiva. Portanto, com uma disposição ofensiva (N. 09).

Houve uma massa de trabalho e de produção que surpreendeu pela rapidez do apronto (em dois anos, a maior parte estava terminada, por tradução adequada ou por elaboração integral), além do cuidadoso e exato conteúdo; e a seguir, pela sua difusão escalonada – escolas, estados-maiores, tropa – para que fosse evitado alimentar qualquer choque, Brasil a fora, entre oficiais desnivelados na cultura profissional.

Quanto ao material bélico, as sugestões apresentadas pelos franceses, no programa de aquisições, foram conseqüentes a um primeiro contato feito pelo chefe da MMF com organizações militares brasileiras (na capital e no sul), ainda antes (1919), e logo no início do funcionamento da Missão (1920). Ali se mostrava a necessidade de se obterem canhões e obuseiros para a Artilharia, petrechos leves e pesados para a Infantaria, “tanques” (carros de assalto) para a Cavalaria, equipamentos de pontes (de pontões) para a Engenharia, mate-

rial de Transmissões, aeronaves de Caça, Reconhecimento e Observação, de Bombardeio, etc. O Brasil encomendou o que nos foi possível; recebemos muita coisa, mas a aproximação da segunda guerra mundial entravaria negócios em andamento.

As “grandes manobras” em Saicã (Rio Grande do Sul), no primeiro quadrimestre de 1922, constituíram-se na prova concreta do aproveitamento dos quadros dirigentes e executantes. Da tropa, é fato que ainda não tanto. Outros exercícios e manobras, em diversas áreas, cada vez mais volumosos, complexos e compensadores, porque plenos de ensinamentos, foram executados enquanto aqui permaneceu a Missão. Diversos exercícios de quadros foram realizados, em salas e no terreno; eventualmente, com frações de tropa, sendo visado o treinamento dos oficiais. Para esse fim, organizaram-se “jogos de guerra”, de muita valia - embora rudimentares, se comparados aos sofisticados de hoje.

Seria bom se pudéssemos nos deter em comentários acerca do pessoal, componente da Missão. Durante a vigência dos sucessivos contratos, com renovações e alterações textuais, quase cem

militares franceses – oficiais, suboficiais, especialistas – preencheram os efetivos funcionais. É bom lembrar que, à chegada do primeiro escalão da MMF, havia mais de um ano que já se encontravam no Brasil os membros da Missão aeronáutica, instrutores e cooperadores da Escola de Aviação Militar (do Exército). Essa MMF iria ser absorvida no conjunto MMF. (N. 10)

Durante os dois decênios, houve muitas movimentações. Franceses iam-se embora daqui, por tempo findo ou para nova comissão; outros chegavam, para servir entre nós. Seus nomes estão registrados, ainda que com muitas lacunas, hoje inexplicáveis e deveras lamentáveis. Somos gratíssimos a eles. Traziam considerável credenciamento profissional, ilustrado por dois cunhos insígnies: a primorosa formação (a maioria era saída da escola de Saint-Cyr; outros, da Politécnica, de Versalhes, de Saumur) e o comportamento excelente na guerra. Nesta, todos eles haviam participado; quase todos entraram diretamente em combate; muitos foram feridos em ação. A Cruz de Guerra, a Legião de Honra, eram condecorações que portavam orgulhosamente. Tudo isso era mo-





tivo de confiança. Alguns deixaram renome bastante saliente, no meio militar brasileiro, não só pela capacidade como pela personalidade, gerando admiração e amizades duradouras (N. 11).

Arriscando cometer injustas omissões, cabe assinalar: os infantas Dérougemont, Corbé, Carpentier; os cavalarianos Gloria, Dalmassy, Durosoy, Battisteli; o engenheiro (pontoneiro) Guériot; os artilheiros Pascal. Weller. Mas não nos contemos em ainda pôr mais um foco de luz nas figuras emblemáticas do Cap Battisteli, o esplêndido cavaleiro, e do Ten Cel Joseph Weller, o “virtuose” do tiro de Artilharia, padrão de “Capitão de G A Cav” (Grupo de Artilharia a Cavalos): e sempre muito ligado aos seus ex-alunos brasileiros enquanto viveu.

Resta-nos falar daqueles que suportaram o peso da Chefia, muito solicitada, que tiveram a tarefa permanente de conduzir os trabalhos a cargo da Missão, otimizando o planejamento e o desenvolvimento, e que o fizeram com toda responsabilidade, competência, profissionalismo, firmeza, habilidade. Não é uma qualificação vã; são características fundamentais ao exercício correto e proficiente do elevado cargo.

Começamos pelo General Maurice Gamelin, o sério, entusiasmado e ativo implantador da MMF, autor do primeiro programa-sugestão a ser cumprido e que foi o farol a iluminar todo o período. De passagem, convém acentuar que o ostracismo em que depois caiu, engolfado na tragédia francesa de 1940, não invalida, nem sequer arranha seu alto conceito como chefe da MMF.

Depois dele, que atuou durante quase cinco anos, estiveram à testa da Missão, em seqüência e por períodos diferenciados, os Generais Frédéric Coffec, Joseph Spire, Charles Huntzinger, Paul Noel e Georges Chadebec de Lavalade. Nos intervalos, chefiaram interinamente os Gen Eugène Durandin e Jacques Baudoin, antigos integrantes da MMF. (N. 12) Todos eles fizeram jus, com seus comandados, aos encômios e aos agradecimentos dos colegas brasileiros – alunos, instrutores, colaboradores.

#### **4. Reconhecimento**

O legado da Missão Militar Francesa ao nosso Exército foi extraordinário!

Ainda nos valem dele. Foi aquilo que pôde ser, em vista



da situação em que se debatia o Exército, lá por 1918/19, e das condições internas do país, justamente entre 1922 e 1938. Ainda assim, foi bastante. Porém, o melhor comprovante da excelência do trabalho da Missão está em que o desenvolvimento alcançado pela nossa Força Terrestre, graças ao influxo da sua atuação, permitiu que, ao entrarmos na Segunda Grande Guerra, possuíssemos quadros de oficiais e graduados aptos a proceder muito bem na resposta corajosa aos graves desafios militares, como é exemplo grandioso a epopéia da Força Expedicionária Brasileira (FEB), para honra da nossa Pátria.

Essa distinta participação bélica, por si só, seria suficiente para o reconhecimento dos magníficos serviços prestados pela Missão, cuja memória reverenciamos.

## NOTAS

**N. 01** – A 27ª Divisão de Infantaria Alpina, integrante do Destacamento do Exército Francês dos Alpes, era comandada pelo general Molle, que tinha seu QG instalado em Susa. Era uma localidade situada no fundo do vale dominado pelas alturas do Monte Cenísio (ou Cenis), distando pouco mais de 30 km de fronteira Piemonte-Sabóia, em território italiano. O passo de Susa, ali perto, é histórico: por ele cruzaram a tropas de Haníbal e de Napoleão. Na região, a cerca de 25 km do passo, acha-se o 1º dos grandes túneis dos Alpes. No mapa simbólico “Roteiro da FEB na campanha da Itália”, vê-se Susa na parte superior esquerda; e ali, duas bandeiras – a brasileira e a francesa – portadas por militares dessas nações e se entrelaçando, enquanto os soldados apertavam as mãos.

**N. 02** – Para enfrentar a guerra, surpreendente e imposta, o Exército teve de contar com uma mobilização que atingiu perto de 100.000 comba-

tentes. No primeiro momento (nov de 1864), seu efetivo tinha cerca de 15.000 homens, incluídos os que realizavam operações de limpeza na Banda Oriental do Uruguai.

**N. 03** – No meado dos anos 70, o efetivo terrestre era inferior a 25.000 homens. E ia sendo reduzido, ao sabor das injunções políticas do Império.

**N. 04** – São exemplos dessas atitudes – tentativas de vitalização e modernização – as reorganizações do Exército, promovidos em: 1901 (Marechal Nepomuceno Mallet), 1908 (Marechal Hermes da Fonseca), 1915 (Marechal Caetano de Faria). Vale assinalar que o Mar Mallet era filho do Mar Emílio Luiz Mallet, Barão de Itapevi, patrono da Artilharia brasileira; francês de nascimento (Dunquerque, 10 de junho de 1801), herói da Guerra do Paraguai, onde seus filhos foram seus comandados, no lendário 1º Regimento de Artilharia a Cavalos (apelidado de “boi de botas”). A família Mallet, do Brasil, aqui chegou em 1817. Tinha parentesco afastado com o General Cláudio F. Malet (com um só L), pivô e mártir da conspiração de outubro 1812, contra Napoleão.

**N. 05** – A revista de assuntos militares e estudos brasileiros “A Defesa Nacional” foi fundada em 1913, “para exercer o direito de julgar-----e de opinar a respeito delas”. Do grupo idealista e corajoso que a fundou, constantemente aumentado e valorizado, iriam ter, posteriormente, muita projeção nos ambientes militar e político da nação, nomes ilustres como os de Bertoldo Klinger, Leitão de Carvalho, Jorge Pinheiro, Paula Cidade, Euclides Figueiredo.

**N. 06** – O quadro era mesmo preocupante e sem solução à vista. Pessoas ilustres, esclarecidas e patriotas insistiam em prontas medidas de recuperação do Exército. O Ministro da Guerra, Calógeres, civil, perguntava no Congresso: “O Brasil quer possuir um Exército? Se quer, é porque reconhece sua necessidade. Então, tem-se de lhe assegurar as condições para realizar o papel que lhe compete – e isso não pode ser mais postergado”. Poderíamos acrescentar: papel indelegável, que somente ele tem de fazer e pode fazer.

**N. 07** – Alguns aspectos do 1º contrato (Paris, 08 set 1919), vale a pena serem citados, em vista do desenvolvimento futuro. Assim: Artigo I-----“(pessoal componente)-----”Um Coronel, Subchefe da Missão desempenhando ao mesmo tempo as funções de Cmt da EEM“(Esse Cmdo foi mais adiante suprimido...)

**Artigo II** - “O Gen Chefe da Missão Francesa ficará subordinado ao Ch EM do Exército Brasileiro, nas funções de assistente técnico para instrução e organização. Colaborará diretamente com o Ch EME e deverá ser, obrigatoriamente, consultado sobre todos os assuntos de instrução”. “A Missão ocupará-se-á, especialmente, da direção da EEM, da Escola de Aperfeiçoamento, da Escola de Intendência, e da Escola de Veterinária”.

“O Governo Brasileiro dará preferência à indústria francesa, em suas encomendas de material de guerra” (condicionado ao valor técnico, preços e prazos).

**Artigo III** – “A Missão Francesa estará subordinada, por intermédio do Chefe da Missão, unicamente ao Ministro da Guerra do Brasil”.



**Artigo IV** – “O General Chefe da Missão Francesa terá autoridade plena e integral sobre a Missão de Aviação, que já se encontra contratada pelo Governo do Brasil” (de fato, a Missão Militar Francesa de Aviação já viera, conforme o contrato de 10 Out 1918, chefiada pelo Capitão Magnin, (aqui comissionado em Coronel), por um período de dois anos a contar da partida da França). A Missão de Aviação foi extinta em 16 Out 1924, pela total incorporação à MMF principal. Haveria sucessivas renovações (04 anos, 08 set 1923 a 07 set 1927) do Contrato, em 28 Mar 1923, - 1932 (1º jan 1932 a 31 dez 1933), 24 nov 1933 (mais um ano, até 31 dez 1934), 07 dez 1934 (de novo 02 anos, 1º jan 1935 a 31 dez 1936), 26 nov 1936 (02 anos, 1º jan 1937 a 31 dez 1938). Novas prorrogações acertadas, até 31 dez 1939 e 31 dez 1940, quando definitivamente foi encerrado o ciclo de funcionamento da MMF. Pena e que alguns documentos (originais e cópias), incluí-se dos contratos e algumas pequenas alterações deles, não tenham sido achados nos órgãos onde deveriam ou poderiam estar, no Brasil.

**N. 08** – A discriminação teria sido motivada por pruridos exagerados, receios e prevenções, que pouco mais tarde se mostrariam inconsistentes. Entretanto, desde o começo de 1919, na Escola Militar já vinham se impondo ótimos instrutores, selecionados por concurso público.

Esse conjunto de escol, alcunhado de “Missão Indígena”, eram oficiais idealistas e estudiosos; eram também de espírito aberto, tanto que, assim que puderam, buscaram inteirar-se das novidades trazidas pela MMF e procuraram usá-las, claro que nos limites do seu escalão. Aí apareceria já o “efeito Missão Militar Francesa”!

**N. 09** – Ao contrário do que geralmente é acreditado e repetido, ao se engalfinharem na Grande Guerra, tanto a Alemanha quanto a França estavam imbuídas da mesma idéia básica: ofensiva. Na Alemanha, era antigo posicionamento, decorrente da crença exaltada nas vantagens da iniciativa do ataque, com surpresa e potência. Na França, devia-se à teimosa pregação, por anos a fio, do Gen Foch aos seus alunos e comandados: “A vontade de conquistar é a primeira condição da vitória”. Então, os instrutores franceses não estavam amarrados a uma prioridade defensiva, que nos contivesse o elan. As excelentes aulas de História Militar, que constava nos currículos das escolas, expunham as campanhas de campeões da guerra (Napoleão à frente, como devido), onde a única constante era a consecução da vitória. Agressividade, não tibieza. Também abordavam guerras mais recentes, como a da Secessão americana e a de 1870.

O corpo de doutrina consolidada na documentação de base, elaborada sem demora, definia e explicitava, em seu conjunto fracionário mas integrado, nossa nova formulação doutrinária. Ligado a isso, apareceram os regulamentos e instruções para: Serviço de Campanha; Serviço de Estado-Maior em Campanha; Comando e Emprego das Grandes Unidades; os Exercícios e o Combate da Infantaria; idem da Cavalaria; os Exercícios, o Emprego e o Tiro da Artilharia; Observação Aérea; Regulação do Tiro de Artilharia; Inspeções, Revisitas e Desfiles; Emprego dos meios de Transmissões; Alimentação em Campanha; Serviço de Retaguarda; Instrução Física Militar; Minas; Pontes; Manobras (com atenção para as Armas e os engenhos especiais), etc.

**N. 10** – Essa Missão Militar Francesa de Aviação iniciou seus trabalhos no 1º semestre de 1919, na recém cria-

da Escola de Aviação Militar, no Campo dos Afonsos. Seu primeiro chefe foi o Cap (Cel, no Exército brasileiro), Etienne MAGNIN. Os demais instrutores (do grupo pioneiro) eram os tenentes (Cap, no nosso Exército), Edouard VERDIER, Etienne LAFAY e Hubert DUMONT. Mais tarde, haveria modificações. Os principais aviões utilizados eram: de instrução, Nieuport e Spad 84; para combate, Breguet 14 A2 (Observação e Bombardeio) e Spad 7 (Caça). Eram todos aviões da Grande Guerra, dos quais a França tinha imensos estoques (inclusive de acessórios e sobressalentes).

**N. 11** – Uma lista (incompleta) de oficiais integrantes da MMF, quando da vinda da primeira equipe de instrutores: Cel Art Durandin – foi o 1º subchefe da Missão, por isso Gen no Brasil e era o principal assessor (diretor de estudos), na Escola de Estado-Maior. Formação básica: Escola Politécnica

Cel ART Barat – de Sant Cyr.

Cel INT Buchalet.

Eng Chefe Lacape – da Escola Politécnica

Ten Cel INF Dérougemont – de Sant Cyr; notável conferencista.

Ten Cel ART Pascal – da Escola de Versalhes.

Ten Cel ART Villaume – Escola Politécnica.

Ten Cel INF Barrand – de Sant Cyr

Maj ENG Thiebert – Escola Politécnica

Maj CAV Dalmassy – de Sant Cyr; dragão, equitador, revisor do nosso Regulamento para os Exercícios e o Combate da Cavalaria.

Maj ENG Guériot – especialista em pontes de campanha.

Maj INF Dumay – de Sant Cyr

Maj INF Petibon – de Sant Cyr, também assistente do Chefe da MMF.

Maj CAV Pichon – de Sant Cyr, com curso da Escola de Cav de Saumur.

Maj ART Bresard – de Sant Cyr

Maj VET (assemelhado) Maliengeas

Cap CAV Marfuil – com curso de picador em Saumur

Cap VET (2ª classe) Dieulouard

1º Ten INF Melanté

- O chefe de gabinete do Chefe da MMF era o Ten Cel Lelong

**N. 12** – Os sucessivos chefes da MMF

1º - Gen Maurice GAMELIN (1919/1924)

2º - Gen Frédéric COFFEC (1925/1927)

3º - Gen Joseph SPIRE (1927/1930)

4º - Gen Charles HUNTZINGER (1930/1932)

5º - Gen Eugène DURANDIN (1932/1933)

6º - Gen Jacques BAUDOIN (1933/1935)

7º - Gen Paul NOEL (1935/1938)

8º - Gen Georges Chadebec de LAVALADE (fim de 1938 até 1940, tendo sido o último Chefe da MMF no Brasil)

## Bibliografia

- **Básica:**

• “Missão Militar Francesa de instrução junto ao Exército Brasileiro” – pelo Gen Ex (Ref) Alfredo Santo Malan; prefácio do Gen Durosouy, antigo membro da MMF. Biblioteca do Exército (BIBLIEx), 1988.

• “A Missão Militar Francesa no Brasil” – pelo Cel Art (Prof. no Magº do Ex) Jayme de Araújo Bastos Filho;

prefácio do Gen Ex (R1) Jonas Correia Neto, então Presidente do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB). BIBLIEx, 1994.

• “A Evolução Militar do Brasil” – pelo Cel Cav (Ref) João Batista de Magalhães; prefácio, à 2ª edição, do Gen Jonas. BIBLIEx, 1998

• “Missão Militar Francesa” – pelo Gen Ex (Ref) Jonas Correia Neto; na Revista “Da Cultura”, da FUNCEB, junho 2005 (págs 34/39)

• “Formação do Oficial do Exército” – pelo Cel Jeoval Motta – BIBLIEx, 2ª ed., 1998

#### **- Complementar:**

• “História do Estado-Maior do Exército” – pesquisa no EME, coordenada pelo Cel Art Paulo da Motta Banha. BIBLIEx, 1984.

• “História da Força Aérea Brasileira” – pelo Ten Brig (R/R) Nelson Freire Lavenere-Wanderley; obra premiada pela BIBLIEx (1966) e pela FAB (1967) – prefácio do Min Eduardo Gomes, 2ª ed, Min Aer, 1975

• “O Exército Brasileiro, a partir da Guerra do Paraguai” – Gen Ex (Ministro STM) Tristão de Alencar Araripe – conferência na EsAO, 1957.

• “A Missão Militar Francesa” – artigo do jornalista Assis Chateaubriand (Diário de São Paulo, 13 jan 1932), comentando palestra do Gen Tasso Fragoes e, a propósito, várias informações sobre a MMF. Reproduzido no Diário de Notícias, Rio de Janeiro, em 18 maio 1974.

• “Influência Napoleônica no Exército Brasileiro” – pelo Ten Cel Jonas Correia Neto – palestra no IHGB, agosto 1969 – publicado na Revista Militar Brasileira, Nr 03 (ano LVI), jul/set 1970.

• “Brasil França, ao longo de 5 séculos” – pelo Gen Ex (R1) Aurélio de Lyra Tavares, ex-Min Ex e Embaixador na França. Cap. “O Intercâmbio Militar (a MMF)”. BIBLIEx, 1979.

• “A Missão Militar Francesa e sua influência na formação intelectual e tecnológica das elites militares brasileiras” – pelo Prof. Drº Jean-Pierre Blay, historiador francês, sócio correspondente do IHGB e do IGHMB (onde apresentou seu trabalho, em julho 1993, publicado na Revista do IGHMB, Nr 80/94, anos 1993/94).

• “A FEB pelo seu Comandante” – obra coordenada pelo Comandante da FEB (e da 1ª DIE), Gen Mascarenhas de Moraes, contendo mapa simbólico. Publicação no Instituto Progresso Editorial (IPÉ), São Paulo, 1947 – 1ª ed., 2ª ed – BIBLIEx, 20 (?)

• Dissertações de mestrado, apresentadas na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército: - pelo Maj Eng Ary Pelegrino Filho, em 2002;